

"O Globo" - 18. 11. 60

A CRÔNICA de Rubem Braga

VIAGEM

PARIS, novembro — Há dez anos eu não vinha a Paris — e espero que meus leitores e meus patrões aceitem isto como uma explicação para estas férias que tirei por minha própria conta durante oito ou dez dias. Não é que eu tenha feito grandes coisas aqui. Apenas me deixei ficar, saboreando a doçura de não fazer nada — o que é um bom programa.

Em 1950 gastei 23 ou 24 horas do Galeão a Orly, desta vez apenas a metade. Num tempo que as coisas mudam tanto e tão depressa, o que me espanta não é a transformação; é saber que ainda existe aquele mesmo vôo antigo, com aquele mesmo horário. Isso não durará muito; já nos primeiros meses de 1961 tôdas as companhias terão, provavelmente, aviões a jato para essa travessia. Os outros, os que chamamos orgulhosamente de "convencionais", ficarão para viagens mais baratas e acabarão servindo sômente como cargueiros.

O Boeing da Air France gastou pouco menos de seis horas do Rio a Dacar. Ficamos lá coisa de hora e meia; depois foram mais cinco horas e meia até Paris — a maior parte do tempo gasta num desses almoços deliciosos e imensos que os franceses sabem oferecer. Em Orly fomos recebidos com uma taça de champanha.

Vim na primeira classe, mas outros jornalistas, igualmente convidados, vieram na classe turista. O mais certo seria chamar uma de primeira e outra de luxo. A diferença está no número de poltronas — e portanto no espaço para se esticar o corpo — e nas bebidas e comidas; mas a diferença de preço é tão grande (dezenas de contos) que é preciso uma certa coragem para viajar de primeira. Um diplomata francês me confessou: Com a diferença passo vários dias como um príncipe em Paris...

Quando a viagem era de 23 a 24 horas, a primeira classe era um luxo mais compreensível. Mesmo porque o avião a jato, além de duplamente veloz, cansa muito menos que o outro, pois é muito mais estável, não tem a inevitável trepidação dos "convencionais".

Enfim: a viagem foi esplêndida; muito obrigado à Air France e aos senhores que suportaram a leitura desta crônica ociosa.

150